



Bianca Mendes Lemos

“Porque houve certa vez uma selva tão infinita que ninguém se lembrou de que era feita de árvores; porque entre dois mares há uma nação de homens tão forte que ninguém costuma lembrar que é de homens. De homens de humana condição.”

J. L. Borges

Seria incrível se pudéssemos, como *Borges* em seu conto “O outro”<sup>1</sup>, encontrarmos com nós mesmos depois de passados cinqüenta anos. Seríamos ainda os mesmos? E nossa forma física? Teria evoluído, se transformado, ou apenas sucumbido ao peso dos anos?

Com a velocidade com que as evoluções tecnológicas vêm se apresentando, torna-se tangível a possibilidade de percebermos, em apenas meia década, o que antes só se mostrava em milênios. No continente Africano, entre 4 e 1,7 milhões de anos a.C., o *Australopithecus*, um dos antepassados das espécies mais primitivas do *homo*, precursor dos seres humanos atuais, possuía um volume cerebral de apenas 700cm<sup>3</sup>. Alguns milhões de anos depois, o *Homo erectus*, um espécime mais evoluído, já havia elevado seu volume para 1000cm<sup>3</sup>, e então, tendo se passado outros milhares de anos de evolução é que chegou-se aos 1500cm<sup>3</sup> do *Homo sapiens*, basicamente o mesmo que possuímos hoje.

As transformações que ocorreram no período da pré-história levaram milhões de anos até serem percebidas. Hoje, um outro tipo de modificação, que se opera, talvez, pela necessidade de adaptação a um novo meio, ou através do surgimento de uma nova sensibilidade, mostra-se de maneira mais imediata. Com o auxílio de novas tecnologias como a cirurgia especializada

e mesmo as manipulações genéticas, as alterações são notadas quase instantaneamente e possibilitam um corpo reversível às necessidades ou pretensões do homem. Se levarmos ainda em conta órteses de tecnologia avançada como os computadores, que potencializam em centenas de vezes nossa capacidade mental, percebemos em quão pouco tempo os corpos, através de suas máquinas ou por causa delas, “evoluíram”. Já nos idos do séc. XVIII, a partir das mudanças ocorridas na *Idade Moderna*, que desembocaram na implantação do capitalismo e do sistema fabril, o corpo precisou se transformar cada vez mais, a fim de se tornar capaz de suportar a exploração do trabalho mecânico e repetitivo. Foram estes homens alienados, que exerciam o papel de simples peças de uma engrenagem maior, que participaram do início daquilo que podemos entender como o surgimento de uma nova sensibilidade, responsável mais recentemente, por permitir, ou mesmo incentivar, uma nova reestruturação corporal que engendra um outro corpo ou um outro homem.

Com o soar do momento pós-moderno, em algum ponto entre 1968 e 1972, vemos emergir um movimento maduro, embora ainda incoerente, mas que foi, com certeza, uma legítima reação aos discursos totalizantes da modernidade. Preocupações com a validade da dignidade humana, tanto em relação à ética, quanto à política ou à antropologia, fazem ressurgir uma ampla e profunda mudança na estrutura do sentimento e da valorização da estrutura física do homem. Foi também em 1968, quando *Kenneth Cooper* (que emprestou seu nome à modalidade de corrida) lançou “*Aerobics*”, o primeiro de uma série de livros que trouxe a público a importância da prática de exercícios físicos como fator favorável ao bom funcionamento dos pulmões e do coração. Dispostas a percorrer quilômetros pelas ruas das cidades, e a seguir o que era então o lema: “Mais é melhor”, milhares de pessoas pelo mundo inteiro cederam ao apelo do *Dr. Cooper* na esperança de melhorar a saúde, e porque não, transformar as formas do corpo. Da ginástica dos anos cinquenta, que por meio dos treinos

militares visava o aumento da força muscular, passamos às longas e diárias corridas disseminadas na década de 1970, e daí aos ginásios, com as aulas de exercícios aeróbicos dos anos oitenta. O desembocar na febre das academias e cirurgias plásticas da década de 1990, foi uma consequência esperada na história da cultura e valorização dos atributos físicos dos corpos humanos.

Mesmo sendo tão valorizados e cultuados, estes corpos plenos de poderes chegam, às vezes, a não poder corresponder às necessidades de algumas mentes, e partem, então, em busca de níveis tão profundos de artificialização que surge a dúvida se algo sobreviverá a esse “teste de grandeza pura”. É certo que, como afirma Baudrillard, “*nessa deriva experimental, há o risco de não restar nada, o risco de um apagamento puro e simples do humano*”.<sup>2</sup>

O salto da sociedade industrial para uma sociedade informacional tornou mais claros os limites exercidos pelo corpo sobre a mente. Através do excesso de informações com o qual somos bombardeados todos os dias, do aparecimento das comunidades virtuais e do ciberespaço, nos damos conta de que talvez nossa estrutura corporal não esteja apta a acompanhar tais mudanças, pois, em alguns desses lugares, as mentes circulam com facilidade, já os corpos, não. Estaríamos nós obsoletos, carentes de modificações para uma melhor adaptação à era da informação? A resposta é positiva segundo a opinião de alguns artistas e cientistas, como por exemplo, o performer australiano *Stelarc* ou o ciborgue canadense *Steve Mann*, que através de avançados artificios tecnológicos repensam a estrutura e o funcionamento corporais.

*Stelarc*, um herdeiro direto da *body arte* dos anos sessenta, argumenta, por meio de um estilo de *body arte* cibernética, no qual alia novas tecnologias aos conceitos de ultrapassamento do corpo, sobre a obsolescência da estrutura corporal humana. Ele acredita que: “*Como um*

*objeto, o corpo pode ser ampliado e acelerado, atingindo velocidade de escape planetário.*

Ele se torna um projétil pós-evolucionário, partindo e diversificando em forma e função”.<sup>3</sup>

Em algumas de suas apresentações, o artista acopla órteses ao seu corpo. Um bom exemplo seria sua *Third Hand*, um projeto que durou de 1976 a 1994, no qual ele, com uma terceira mão mecânica conectada através de eletrodos e chips à original, era capaz de exercer movimentos independentes com os três membros. Através de suas performances, Stelarc pretende sugerir possibilidades de *amplificação* das capacidades humanas, o que fica claro quando declara:

*“Tendo se confrontado com sua imagem de obsolescência, o corpo é forçado a abandonar o reino da subjetividade e considerar a necessidade de re-examinar e, possivelmente, redesenhar sua própria estrutura. ALTERAR A ARQUITETURA DO CORPO RESULTA EM AJUSTAR E EXTENDER SUA PERCEPÇÃO DO MUNDO”.*<sup>4</sup>

Um outro entusiasta das aplicações das novas tecnologias à transformação dos corpos humanos, o professor canadense Steve Mann encarna, desde a década de oitenta, o papel de homem-máquina. Como um ciborgue, conectado ininterruptamente a computadores que ampliam sua visão, estimulam sua memória e monitoram todos os seus sinais vitais, *Mann* defende a teoria do “*wearcomp*”. Os “*wearable computers*”, ou computadores usáveis, (no sentido de vestir), são uma tecnologia criada por ele e depois aperfeiçoada no *Massachusetts Institute of Technology* – MIT, que hoje já conta com pesquisadores adeptos no mundo inteiro. Segundo ele:

*“Estamos entrando em uma nova era, nos aproximando de um novo platô da comunicação e interconectividade humana. Assim como o telefone evoluiu de um aparelho fixo no lar para se tornar um elemento pessoal que podemos carregar para qualquer lugar, o chamado "wearable computer" nos permite comunicar com alguém por voz, vídeo e e-mail enquanto andamos e vivemos normalmente nossas vidas.”*<sup>5</sup>

Mais do que um surto de modificação corporal, o que se vê é uma mudança na sensibilidade humana, que permite a discussão de assuntos como a atualização dos corpos. A fantasia do homem-máquina sai das páginas dos romances para entrar de vez nos centros de pesquisa ou mesmo nos telejornais. As relações entre o corpo e suas panóplias refletem o sentimento de uma época, que se expressa, agora, em termos de funções e equilíbrio biológicos cambiantes.

Como confirma *Ieda Tucherman*:

*“O corpo conta uma história e é só por isto que ele ganha sua existência. Sobre este corpo histórico, várias fantasias foram sobrepostas, como mantos que cobriam a outra pele. Na Grécia Antiga ele vestia a virtude da beleza; na Idade Média cristã o manto da castidade que “cobria suas vergonhas”; nas cortes européias dos séculos XVII e XVIII os artificios das perucas, dos brocados, das jóias, etc., sinais da aristocracia e da riqueza que nele deveriam ser expostos. O século XIX traz a nova marca da veste burguesa, mas foi também o momento da invenção do “dandysmo”, um modo particular de vestir e mover o corpo para aquele que assim foi descrito: “um dandy deve viver e dormir como se estivesse diante de um espelho”, aposta da “estetização artificial” que deve envelopar o corpo de alguns humanos. O século XX nos traz a indústria da moda e seu “império do efêmero”; a volatilidade desta implicando concepção de uma visão do corpo onde a metamorfose é prevista, requerida, produzida e imposta.”<sup>6</sup>*

Arte, ciência e tecnologia estão cada vez mais próximas, chegando em certos momentos a se confundirem, o que na verdade, não passa de uma das condições da pós-modernidade, a de *privilegiar a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras* na definição do discurso cultural<sup>7</sup>. O que não se pode deixar passar desapercibido é que, por mais que nos seja apresentada uma nova sociedade, seja ela plena de máquinas e tecnologias avançadas, não passa ainda de uma sociedade de homens, regidos estes por sua humana condição. Como disse Francastel:

“...não existe contradição entre a evolução de certas formas de arte contemporânea e os modos de atividade científica e técnica da sociedade atual, porque eles respondem igualmente sobre as atitudes intelectuais comandadas pelo meio humano que fabrica o homem de hoje”.<sup>8</sup>

A passagem da sociedade industrial para a sociedade informacional traz muitas dúvidas sobre como deveríamos agir ante a “ciber-socialidade”. Em uma época onde as fronteiras são abaladas, ou mesmo desestruturadas, o sujeito e o indivíduo são reconhecidos como pontos iniciais da discussão contemporânea sobre a evolução do ser vivo e da espécie humana. E a partir daí, faz-se sintomático o revisionismo dos limites de atuação dos corpos que se mostram, muitas vezes, incapazes de enfrentar sua complexidade, sua diversidade e sua alteridade. O homem fica, como diz *Baudrillard*, “preso na utopia de um artefato superior a si mesmo, a quem é preciso, no entanto, vencer para salvar a pele”.<sup>9</sup>

É pertinente a dúvida sobre até que grau de modificações nossos corpos forem submetidos permaneceremos humanos e não nos tornaremos o outro homem, a outra raça ou a outra espécie. Todavia é certo que os caminhos se encontram e não há destino individual. Talvez ao contrário do que supostamente se passou com Borges em seu conto, o outro corra o risco de já não ser o mesmo.

#### NOTAS:

<sup>1</sup> Borges, Jorge Luis. *O outro* in *O livro de Areia* in *Jorge Luis Borges - Obras completas - Vol III*. São Paulo: Ed. Globo, 1999. pp. 9-15

<sup>2</sup> Baudrillard, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002. p.38

<sup>3</sup> Stelarc. *Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: A protética, a robótica e a existência remota*. in Domingues, Diana. *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Entrevista: Steve Mann, inventor do Wearable Computer. *Informática Brasileira em análise*. Disponível em [http://www.cesar.org.br/analise/n\\_26/entrevistan\\_26.html](http://www.cesar.org.br/analise/n_26/entrevistan_26.html) - 14/05/02

<sup>6</sup> Tucherman, Ieda. *A construção dos monstros e as raças fabulosas*. in Org. Villaça. *Que corpo é esse?*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 152.

<sup>7</sup> Harvey, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

<sup>8</sup> Francastel, Pierre. *Art e technique aux XIXe et XXe siècle*, Paris, Galimard. 1956, p. 221-222. in Lemos, André. *Arte eletrônica e Cibercultura*. in Org. Martins. *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2000. p.227

<sup>9</sup> Baudrillard, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002. p. 119.